



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DA
FIGUEIRA DA FOZ**

**ATA N.º 2 /2023
SESSÃO
EXTRAORDINÁRIA
DE 25-04-2023**

“Nos termos do art.º 56.º do anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, as atas são publicitadas na íntegra, mediante edital afixado durante 5 dos 10 dias subsequentes à sua aprovação, tendo em vista garantir a publicidade necessária à eficácia externa das decisões”.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 2 da Sessão Extraordinária de 25-04-2023

LOCAL - Associação Cultural, Recreativa e Desportiva da Gândara-----

DATA - 25 de abril de 2023-----

INICIO - Dez horas e trinta minutos-----

A sessão iniciou-se com a presença de:-----

PRESIDENTE - José Duarte Pereira.....PS

1ª SECRETÁRIA - Ana Margarida Pinto da Cunha.....PS

2ª SECRETÁRIA - Júlio César da Costa Loureiro.....PS

MEMBROS - David Manuel Fajardo AzenhaFAP

João Raul Henriques Sousa Moura PortugalPS

Edgar José Pedrosa GonçalvesFAP

Francisco Nuno Costa de Melo BiscaiaPS

Manuel Fernando Rascão MarquesPSD

José Augusto Fernandes MateusFAP

Mafalda Reis de AzevedoPS

Isabel Cristina Guerreiro Pimentel MaiaFAP

José Fernando Guedes CorreiaPS

Joaquim Francisco da Silva PereiraFAP

Maria Isabel Cardoso Guardão TavaresPS

Adélia Maria Ramos BatataPSD

José António Borges LigeiroFAP

Victor Manuel dos Santos MadalenoPS

António Graça LapãoFAP

Célia Maria da Silva MoraesPS

Gonçalo Raposeiro FariaFAP

Isabel César PereiraPS

Paulo Jorge Martinho PintoPSD

Micaela Miranda DurãesFAP

Silvina da Silva Fonseca Anadio de QueirozCDU

Gonçalo Andrade de OliveiraFAP

Pedro Miguel da Silva Ribeiro JorgeBE

PRESIDENTES DE JUNTAS DE FREGUESIA

(Alhadas) Jorge Manuel Bugalho da SilvaPS

(Alqueidão) Clarisse da Silva Ferreira OliveiraPS

(Bom Sucesso) Carlos das Neves BatataPS

(Buarcos e São Julião) Rosa Maria Martins Ferreira BaptistaFAP



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 2 da Sessão Extraordinária de 25-04-2023

(Ferreira-a-Nova)	Susana Maria Rodrigues Oliveira MonteiroPS
(Lavos)	José Coelho Henriques da SilvaPS
(Maiorca)	Rui Pedro Pinto FerreiraPS
(Marinha das Ondas)	José Alberto Jordão SuzanaPS
(Moinhos da Gândara)	Gilberto Fajardo OliveiraPSD
(Paião)	José Alberto da Silva CarvalhoFAP
(Quiaios)	Ricardo Manuel Rodrigues SantosPS
(São Pedro)	Jorge Aniceto Pimentel dos SantosPS
(Tavarede)	Fernando António Martins LopesPS
(Vila Verde)	Vítor Manuel Gonçalves AlemãoPS

Após verificação do quórum, deu-se início à sessão.-----

COMUNICAÇÃO DE AUSÊNCIAS

José Manuel Cunha Carvão e Rosa Maria da Costa Reis.-----

SUBSTITUIÇÕES

José Manuel Cunha Carvão por Isabel César Pereira, e Rosa Maria da Costa Reis por Gonçalo Andrade de Oliveira.-----

FALTAS JUSTIFICADAS

Paulo Henrique Nisa Mariano.-----

As cerimónias iniciaram-se em frente à Sede da Associação Cultural, Recreativa e Desportiva da Gândara, com o Hastear da Bandeira Nacional, sendo a guarda de honra prestada pelos Bombeiros Sapadores e Voluntários da Figueira da Foz, e o Hino Nacional tocado pela Filarmónica da Sociedade Boa União Alhadense. De seguida, as pessoas deslocaram-se para dentro das instalações da Associação Cultural, Recreativa e Desportiva da Gândara, onde decorreu a Sessão Extraordinária comemorativa do 49.º aniversário do 25 de Abril.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro Santana Lopes, Senhora Oradora Oficial desta Sessão, Dr.ª Susana Beatriz Silva Batata, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Carlos Cachulo e Costa, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Monhos da Gândara, anfitrião desta sessão, e demais Senhoras e Senhores Presidentes de Junta presentes, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhor Representante do Conselho Municipal de Juventude da Figueira da Foz, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Boa União Alhadense, Maestro e Senhores elementos do Coral David de Sousa, que teremos o prazer de ouvir no final desta sessão solene, Senhoras e Senhores elementos da



EmCantos - Associação de Inovação e Tradições, Senhoras e Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores, está aberta a Sessão Solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz Comemorativa do 49.º Aniversário da Revolução do 25 de Abril.-----

Vamos ouvir o Hino Nacional tocado pela Filarmónica da Sociedade Boa União Alhadense, dirigida pelo seu Maestro José Firme, e logo de seguida usará da palavra o Presidente da Junta de Freguesia de Moínhos da Gândara, nosso anfitrião e a quem, desde já, em meu nome e no da Assembleia Municipal, agradeço a hospitalidade e a forma como nos recebeu."-----

GILBERTO FAJARDO OLIVEIRA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Duarte Pereira, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro Santana Lopes, Senhora Oradora Oficial desta Sessão, Dr.ª Susana Beatriz Silva Batata, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Carlos Cachulo e Costa, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Presidentes de Junta presentes, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhor Representante do Conselho Municipal de Juventude da Figueira da Foz, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Boa União Alhadense, Maestro e Senhores elementos do Coral David de Sousa, Senhoras e Senhores elementos da EmCantos - Associação de Inovação e Tradições, Senhoras e Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

É com muita alegria que vos acolhemos na nossa freguesia de Moínhos da Gândara.- Com quase 50 anos passados do dia 25 de abril de 1974 é com muito gosto que comemoramos, a nível concelhio, a Liberdade do Povo Português, nesta jovem freguesia com 25 anos (quase 26).-----

Acreditamos que por muitos anos que passem, por muitos livros que se escrevam, por muita história que se ensine ou «desensine» haverá sempre um antes e um depois do dia 25 de abril de 1974!-----

Muito embora do antes, num passado mais longínquo, não nos cheguem só histórias de felicidade e de riqueza, das vivências dos 41 anos de ditadura, chegam-nos relatos de sofrimento, de opressão, de poucos recursos, de pouca cultura, analfabetismo, de submissão a um regime em que a palavra Liberdade tinha apenas um dono!-----

Desses tempos de trabalho duro, mal pago e sem queixume que, muitas vezes, não matava a fome à família, chegam-nos também as histórias de tantas mães e pais que se despediram dos seus filhos para os enviar para uma guerra cuja existência em



nada beneficiava as suas mesas ou o seu conforto: a Guerra Colonial!-----
Também nestas terras de areias soltas se trabalhou com fome e com frio, com sede e com calor, com ânimo e sem ele, sem nunca se poder dizer: NÃO!-----
Felizmente e graças a todos quantos lutaram durante a ditadura e participaram na Revolução de Abril e noutras lutas que se seguiram (com ou sem interesses próprios que também os havia como em qualquer luta), podemos hoje estar aqui!-----
Podemos hoje comemorar, podemos hoje falar abertamente sobre o que pensamos e sentimos, nunca perdendo de vista o respeito pelo outro!-----
Orgulhamo-nos de vos receber como freguesia que só o é, também, pelo direito a usar esta Liberdade que nos permitiu um maior desenvolvimento socioeconómico e que permitiu o aumento da qualidade de vida destas gentes gandraesas!-----
Hoje, pequenos em geografia e população, mas determinados, sabemos afirmar a nossa identidade de gente honrada, mas nunca submissa que agora também diz NÃO ou SIM consoante o seu entendimento!-----
VIVA OS MOÍNHOS DA GÂNDARA!-----
VIVA A FIGUEIRA DA FOZ!-----
VIVA O 25 DE ABRIL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à oradora convidada, Susana Beatriz Silva Batata."-----

SUSANA BEATRIZ BATATA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Duarte Pereira, Senhor Presidente da Câmara, Dr. Pedro Santana Lopes, Exm.ªs Vereadoras, Exmos.ºs Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhoras e Senhores Presidentes de Junta, Autoridades Militares e civis e demais presentes.-----

Hoje, 25 de abril, dia em que se comemora a liberdade conquistada pela Revolução dos Cravos, tenho a honra de falar em representação de todos os cidadãos jovens e menos jovens deste Concelho, a convite do Movimento Figueira A Primeira, a quem aproveito para agradecer a confiança que depositaram em mim, nomeadamente ao Dr. Pedro Santana Lopes na qualidade de Fundador deste Movimento, e ao seu atual Líder, Dr. Bruno Reis, a quem mais uma vez e de forma reiterada, agradeço por confiarem numa jovem do Norte do Concelho, neste dia tão importante.-----
Falamos de 25 de abril de 1974, sem nunca esquecer os acontecimentos ocorridos até 25 de novembro de 1975, data em que culminou a vitória definitiva dos que pretendiam um sistema político baseado em eleições democráticas e na vontade popular.-----
Ora, foi durante este período de tempo que ocorreram as mais profundas e



significativas modificações da sociedade portuguesa. Exemplo destas alterações foi a eleição de Sophia de Mello Breyner Anderson, uma das deputadas eleitas à Assembleia Constituinte, na sequência das eleições realizadas a 25 de abril de 1975. Para além de deputada eleita, foi ainda, a única Mulher a presidir a uma comissão, a comissão para a redação do preâmbulo da Constituição da República Portuguesa, cujo texto se mantém intacto desde 1976 até aos dias de hoje.-----

Foi no final do séc. XIX e início do séc. XX que a mulher começou a ganhar consciência de que havia infinitas possibilidades para além da rotina doméstica e de que as regras que lhe eram impostas não faziam sentido. Mas, ainda assim, até ao dia 25 de abril de 1974, as mulheres ainda estavam numa posição de desvantagem. Não poderiam ingressar na política, nem tão pouco conjugar uma carreira profissional com o casamento, e ainda sem falar das diferenças salariais em comparação com os homens.-----

Certamente sem estas modificações significativas na sociedade, nem eu, nem as restantes mulheres, poderiam assumir-se como políticas, como são os casos das Senhoras Vereadoras e Senhoras Presidentes de Junta, ao ocuparem um lugar «reservado», à data, apenas pelo sexo masculino.-----

Não me querendo alongar, mas gostava ainda de referir que, foram os nossos avós que temeram por abril, os nossos pais que sonharam com abril, e nós jovens?-----

Não vivemos a revolução, nem tivemos de lutar pela mudança. Então o que é que abril significa para nós?-----

Muitos de nós não valoriza este dia exatamente por isso. Ainda hoje, em pleno séc. XXI, vivenciamos uma guerra... O que nos leva a pensar que a liberdade deve ser defendida sempre, durante toda a vida.-----

E as gerações que já nasceram em liberdade? Nós jovens, as mães e pais das próximas gerações, temos de ter a capacidade de perpetuar a paz, a liberdade, os nossos valores, a nossa identidade, e a nossa cultura enquanto povo e nação.-----

Os políticos têm, também, a responsabilidade de não desacreditar os estados democráticos, garantindo e estimulando a participação política dos jovens, garantindo o estado social que a população merece, garantindo oportunidades para as famílias, especialmente ao nível da educação e do emprego, garantindo melhores instrumentos à justiça, e em simultâneo garantindo a separação de poderes.-----

Assim, também hoje, 25 de abril de 2023, devemos continuar a lutar por tantas mudanças que ainda não foram feitas, devendo por isso participar ativamente na sociedade.-----



O passado de Abril foram os nossos avós, mas o futuro de abril somos nós, os netos dos que lutaram pela liberdade.-----

Por último, falo da chamada «globalização da indiferença», como o Papa Francisco lhe chamou, numa homilia que fez em Lampedusa. Fala numa cultura de conflito que nos faz pensar somente em nós mesmos, que nos faz viver numa bolha, parece agradável e onde até podemos «bloquear» quem nos incomoda ou nos critica. Alerta que estamos a ficar habituados ao sofrimento dos outros, o que tem diminuído a nossa sensibilidade e o nosso sentido de sociedade.-----

Este comportamento de indiferença é o resultado do aumento do individualismo. Ninguém se sente responsável por nada. Ninguém é responsável pela desigualdade social e pela miséria, ninguém é responsável por dar «um jeitinho» e dar vantagens a alguns em detrimento de outros... É um cenário um pouco influenciado pelas tecnologias e redes sociais, por um contexto de mudanças instantâneas, onde ocorre tudo a grande velocidade e em curto prazo de tempo.-----

À data da revolução que hoje aqui celebramos, o povo sentia uma injustiça coletiva, havia sensibilidade, lutavam todos pelo mesmo, não havia indiferenças. Hoje, ainda existem tantas injustiças e nós ficamos apenas pelo plano individual, insensíveis ao sofrimento do outro.-----

Assim, pensemos também nos outros, não apenas em nós ou nos nossos, pensemos no próximo... Também vós, representantes Municipais e Presidentes de Juntas de Freguesia... sejam isso mesmo, representantes daqueles que vos elegeram.-----

Termino com um segmento desta homilia do Papa Francisco, que passo a citar: «a cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: são bonitas, mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização da indiferença, caímos na (própria) globalização da indiferença. Habituo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!»-----

Pensemos..."-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante da Associação 25 de Abril, Coronel Carlos Cachulo e Costa.-----

CORONEL CARLOS CACHULO E COSTA: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Duarte, meu querido amigo, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Dr. Pedro Santana Lopes, Exm.ºs Vereadores, Exm.ºs Senhores



deputados municipais, Exm.^{as} autoridades, Exm.^{os} autarcas. Minhas senhoras e meus Senhores.-----

Quando se abriram as portas da Liberdade, a 25 de Abril de 1974, a ditadura durava há quase 48 anos. Nesse dia, a luta de muitas e muitos portugueses frutificou e, a partir desse momento, todos os sonhos pareceram possíveis.-----

Os Capitães de Abril criaram condições para que a guerra terminasse, a Paz fosse uma realidade, a Democracia acontecesse e pudesse ser construída uma sociedade mais justa, fraterna e igual.-----

Nestes 49 anos, sujeitos às enormes condicionantes que a nossa pequena dimensão no seio das Nações nos impõe, os portugueses têm conseguido ultrapassar as enormes vicissitudes daí resultantes. Privilegiando a Democracia, sustentada na Liberdade que a Constituição de Abril consagra, têm mantido o regime democrático, com maior ou menor respeito pelos valores de Abril. A tarefa não tem sido fácil, seja porque os inimigos desses valores não desarmam, seja também porque os escolhidos nas diversas e sucessivas eleições que sustentam a Democracia nem sempre têm correspondido à esperança acalentada pelos responsáveis pela sua eleição. Por tudo isto, temos de começar pela defesa intransigente da Constituição da República Portuguesa, conquista maior da Revolução de Abril.-----

O mundo está conturbado e em mudança. Os regimes democráticos veem-se cada vez mais colocados em causa pelos demagogos e populistas que procuram retornar aos regimes totalitários assentes nas mentiras, mas a Democracia tem teimado em garantir que continua a ser «o pior de todos os sistemas políticos, com exceção de todos os outros».-----

Porque Abril é Liberdade, Paz, Democracia e Justiça Social, insistimos na defesa dos valores que há 49 anos nos fizeram avançar para esse dia que abriu as portas a todos os sonhos.-----

Mantemo-nos fiéis militantes na defesa de um regime de Liberdade, de Democracia, de Solidariedade, de Igualdade, de Justiça Social e também de Paz. Recusamos todas as formas de guerra, em que muitos nos tentam envolver. Qualquer guerra não é, não pode ser, a solução para os problemas entre os homens, as Nações ou os Estados. A solução para que esses problemas sejam ultrapassados e resolvidos terá forçosamente de ser política. Quando parte da Europa vive em guerra, torna-se urgente que as armas se calem e a diplomacia seja capaz de encontrar soluções.-----

É esse o nosso voto, perseguindo ainda o sonho que criámos há 49 anos: é pelos valores de Abril que é possível construir a Felicidade. E, tal como Péricles



afirmou há mais de dois milénios e meio, a Felicidade só será viável se tivermos a Coragem de por ela lutar.-----

Que tenhamos Coragem para lutar pelos valores de Abril!-----

Termino com um forte abraço de Abril e um grito que continua e continuará sempre atual e necessário: 25 de Abril, Sempre!-----

Depois de ter lido a mensagem da Associação 25 de Abril de que fui incumbido e prazerosamente o fiz, não obstante admitir que este assunto, por repetitivo, poderia na minha modesta opinião ter nuances que interessariam aos auditórios que nem sempre são os mesmos, pedi ao Coronel Vasco Lourenço que fizesse menção de alguma atividade local durante o Golpe de Estado que levasse a assistência a interessar-se mais pela data e pelo feito.-----

Não me eximo por isso de me tornar fastidioso e de ler algumas linhas do que escrevi para um jantar que ontem se realizou. Acho oportuno e meu dever recordar-vos que a guarnição militar desta Cidade da Figueira da Foz teve uma importância substantiva no histórico acontecimento, sim, uma reportagem fotográfica inédita concebida por Jorge Dias é testemunha do facto.-----

Para terminar, não quero deixar de nomear duas individualidades militares marcantes neste movimento e que estão umbilicalmente ligadas à Urbe. Trata-se do Coronel Eduardo Diniz de Almeida, comandante da coluna que saiu desta cidade com quase duas centenas de homens; o outro, nascido e criado nesta Cidade, foi o Coronel Carlos Veríssimo da Cruz que teve um distintíssimo papel ao colaborar ativamente no Plano Operacional das Transmissões.-----

Ambos já falecidos aguardam uma merecida homenagem popular, porque eles estiveram na busca de um país liberto, de uma vida limpa e de um tempo justo.”-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante do Conselho Municipal da Juventude da Figueira da Foz, Duarte Silva Rodrigues.”-----

DUARTE SILVA RODRIGUES: “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Duarte Pereira, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro Santana Lopes, Senhora Oradora Oficial desta Sessão, Dr.ª Susana Beatriz Silva Batata, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Carlos Cachulo e Costa, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Moinhos da Gândara, anfitrião desta sessão, e demais Senhoras e Senhores Presidentes de Junta presentes, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Exm.ªs Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Boa União Alhadense, Maestro e Senhores elementos do Coral David de Sousa, Senhoras e



Senhores elementos da EmCantos - Associação de Inovação e Tradições, Senhoras e Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----
Comemoramos hoje 49 anos da Revolução dos Cravos. Com a mesma veio a democracia, a liberdade de expressão e tantas outras conquistas que o 25 de Abril nos trouxe. Estamos também por isso a apenas um ano de comemorar o cinquentenário da revolução. É já tempo de nos virarmos para o futuro. É já, em minha opinião, tempo de virar o disco dos discursos a elogiar abril, a proclamar abril... Mais que proclamar abril é necessário efetivar e salvaguardar Abril.-----

A minha geração, ao contrário de uma boa parte das excelências aqui presentes, viveu sempre em democracia.-----

À minha geração pouco importa discursos eloquentes sobre o 25 de Abril se não virem depois os seus direitos efetivados.-----

À minha geração pouco importa se têm consagrado na Constituição o direito à habitação se depois Portugal é o país da União Europeia onde se sai mais tarde de casa dos pais.-----

Para a minha geração não interessa se aderimos à União Europeia em 1986, à época CEE, se depois somos ultrapassados pelos países que entraram em 2004 e se hoje somos o sétimo país com menor PIB per capita da União Europeia.-----

Para a minha geração pouco importa se temos excelentes universidades se depois quando nos formamos somos muitas vezes obrigados a emigrar.-----

Já em 1971 Francisco Sá Carneiro dizia: «Pouco importa às pessoas saber que têm os direitos reconhecidos em princípio, se o exercício deles lhes é negado na prática.»-----

Daí para cá passaram mais de 50 anos e este problema mantém-se.-----

Aproveito o momento para deixar um apelo a quem nos governa: passem das palavras aos atos e das promessas às concretizações. Porque se o fizerem estou certo de que poderão contar com a minha geração."-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado municipal Pedro Miguel Jorge.

PEDRO MIGUEL JORGE: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, cumprimento em Vossas Excelências todos os presentes, com uma saudação especial às Freguesas e aos Fregueses de Moinhos da Gândara que hoje acolhem esta Festa da Liberdade, e ainda à comunicação social presente que nos leva a todo o Concelho da Figueira da Foz.-----

«Serras, veredas, atalhos,-----

Fragas e estradas de vento,-----



Onde se encontram retalhos-----
De vidas em sofrimento»-----
Os mais velhos de entre nós lembrar-se-ão destes versos, cantados de forma profunda e envolvente no genérico de uma série produzida pela RTP nos finais da década de 70, em que Carlos do Carmo emprestava a sua magnífica voz ao poema de José Carlos Ary dos Santos intitulado Retalhos da Vida de um Médico, baseado na obra homónima de Fernando Namora.-----
É um poema notável, que capta na perfeição o espírito da obra, marcadamente autobiográfica, que nos conta dos anseios, angústias e dificuldades de Fernando Namora durante os seus primeiros anos como médico em localidades da Beira Baixa e do Alentejo nos inícios da década de 40 do século passado.-----
E são de facto «vidas em sofrimento» que ele encontra nesse Portugal profundo e esquecido, sob o jugo do Estado Novo que o oprime, acentuando a miséria herdada de décadas.-----
O mundo entrava então na 2.ª Guerra Mundial e no seu horror absoluto. O Estado Novo, por sua vez, decidia pela mesma altura inaugurar «A Exposição do Mundo Português» com o desígnio de celebrar a fundação da sua nacionalidade, mas efetivamente celebrando o presente do seu proclamado império, caucionado pela mitificação de um passado imposto como glorioso.-----
O povo português, esse, definhava, ou era obrigado já a emigrar, cerca de 20 anos antes de toda uma geração de jovens portugueses, europeus e também africanos ter sido obrigada a iniciar uma guerra estúpida e criminosa, de onde regressou mutilada, física e psicologicamente, quando regressou de todo.-----
Era de facto uma vida retalhada e de retalhos, como nos lembra Ary dos Santos. Retalhada no seu âmago, condenada a viver sujeita à pobreza, à inconstância e ao medo.-----
Os números eram avassaladores: índices de analfabetismo elevadíssimos, dos piores da Europa, que mostravam uma condenação de grande parte da população a uma vida destinada à ignorância e à submissão; os números da saúde mostravam uma realidade semelhante, com uma percentagem de mortes à nascença que nos envergonhava em toda a Europa; o mesmo se passava noutras áreas da vida das populações, sempre com as mesmas características de marcada opressão e controlo que as subjugava, populações essas que estoicamente foram tentando viver sob um regime que as condenou a uma existência de retalhos de miséria.-----
Celebramos hoje os 49 anos do dia que veio pôr termo a esta «longa noite do



fascismo».-----
Foi uma vitória da unidade sobre a divisão, do todo democrático sobre a dissensão imposta por um regime exclusivo e opressor, o dia «inteiro» como nos lembrou Sophia. Todas as esperanças eram possíveis.-----
E Portugal soube reconstruir-se. Incluiu, não excluiu. Uniu e juntou, não separou. Pegou no bom que resiste sempre a qualquer tirano, a alma de um povo, e criou. Criou as condições para que, fundamentalmente, todos sem exceção, pudessem realizar-se enquanto seres humanos, criando um sistema nacional de saúde e uma educação universais que nos tiraram do mais profundo obscurantismo, devidamente enquadrados numa Constituição que respeitava a Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos permitiu caminhar em direção a uma efetiva integração europeia, europeus que sempre fomos, num regresso a uma dimensão mais consentânea com a nossa realidade.-----
Caros concidadãos-----
Sabemos bem nestes dias que passam que este legado da democracia não é eterno e necessita de ser mantido e defendido para sobreviver, em cada momento das nossas vidas quotidianas, nas nossas relações, no trabalho, na escola, sempre, sem descanso.-----
Temos novamente «vidas em sofrimento». Atravessamos uma guerra na Europa que tem repercussões em todo o mundo, hoje globalizado. Enfrentamos perigos que, sendo cosmeticamente diferentes, são no fundo os mesmos de há 50 anos, e destapam agora a sua cabeça de forma cada vez menos envergonhada. São forças novamente de direita e extrema-direita, armadas com ideias velhas, travestidas de uma pseudomodernidade que as faz parecer como a solução de todos os problemas das sociedades multifacetadas de hoje, mas que só trazem exclusão, divisão e até ódio.-----
Ao mesmo tempo, sobretudo a extrema-direita iliberal, junta-lhe uma característica nova, consequência de um desenvolvimento tecnológico ainda muito desregulado, que é a mentira e a pura invenção de factos mascarada de verdade irrefutável. Por fim, alguns encharcam a opinião pública com uma confusão conceptual que lhes é muito cara, entre liberdade e liberalismo (aliás, uma certa visão deste, em que os estados devem «sair da frente» dos seus negócios, exceto quando estes correm mal). São forças partidárias mais organizadas, presentes em muitos parlamentos por essa Europa fora, incluindo o nosso.-----
Na nossa realidade, oferecem soluções aparentemente fáceis para problemas complexos, atuando dentro no nosso sistema democrático consolidado por Abril numa



lógica de «cavalo de Troia», querendo corroê-lo por dentro até o moldar aos seus intuitos, destruindo-o efetivamente naquilo que ele tem de alicerce da nossa vivência civilizacional.-----

Aliás, são partidos que cada vez menos disfarçam que estas comemorações do dia 25 de Abril lhes causam engulhos difíceis de digerir. Por eles, passaria a haver um ensino público de serviços mínimos, com cheques educação para colégios privados que acolheriam os mais favorecidos, enquanto o Sistema Nacional de Saúde deveria continuar a ser paulatinamente desmontado a favor dos serviços de saúde privados, em negócios de milhões, com o «exército» diário de cabeças falantes a jurarem a pés juntos que o Estado não sabe gerir. Eles pretendem trazer novamente a sobrevivência mínima, a «caridadezinha» e a sociedade dividida entre os que têm emprego e o merecem, e os que não o têm porque não merecem. Obviamente, não passarão!-----

Senhoras e senhores-----

As vidas retalhadas de um «povo triste» são aquilo que Abril nos lembra que teremos sempre de combater. Deixemos a tristeza e a melancolia na nossa expressão musical nacional do fado e realizemo-nos de uma vez por todas enquanto o país que Abril abriu - 49 anos depois, um país integrado e integrante, que conhece os seus problemas, mas que sabe melhor que estes poderão ter sempre solução dentro do seu regime democrático e plural, numa sociedade com gerações mais capazes do que nunca, a todos os níveis, na medida em que se reconhece como multicultural e aberta à diferença.-----

Vivemos tempos difíceis, sim, mas sabemos melhor do que nunca que rejeitamos a miséria de tempos passados e os fatos que ela hoje veste.-----

VIVA O 25 DE ABRIL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada Silvina Anadio Queiroz.-----

SILVINA ANADIO QUEIROZ: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, as mais cordiais saudações. Na sua distinta pessoa cumprimento também todos os presentes. Neste dia a que a Natureza decidiu associar-se no seu esplendor primaveril, comemoramos outra manhã radiosa acontecida há 49 anos - a Revolução de 1974. Comemorar esta efeméride é obrigação de todos os portugueses que amam a Liberdade, a Democracia, o Estado de Direito.-----

Com o 25 de Abril revolveu-se a vida do País e, por esse facto, não há faceta ou pormenor que possam resumi-lo. A Revolução foi, no imediato, uma explosão de liberdade, imprimindo em todos os aspetos da vida a marca que lhe garantiu e



garante a sua sustentação.-----

Às operações desencadeadas, após aturada preparação, pelos Capitães de Abril, logo se juntaram as pessoas nas ruas, gente que ali se sentiu verdadeiramente cidadã e capaz de mudar o rumo do seu País, até ali amordaçado e oprimido.-----

Gritaram em euforia consciente a sua alegria genuína e expressaram livremente o seu pensamento, até aí tolhido e manietado. Acolheram nos seus corações a liberdade de organização e de luta. Luta pelo pão, pela saúde, pela educação, pela justiça social. Com avanços e recuos, resultados mais ou menos satisfatórios, sempre em confronto com as práticas e o ideário do passado e em rotura com eles.-----

Celebrar Abril afirma o que a Revolução representa e expressa enquanto processo libertador com profundas implicações transformadoras na sociedade portuguesa.---

É imperativo não deixar submergir o que ela foi e representou na avalanche interpretativa dos que a todo o custo e mais ou menos sub-repticiamente negam a sua natureza, alcance e características ímpares.-----

Comemorar esta data gloriosa é evidenciar o que foi o fascismo e combater o seu branqueamento. É destacar a luta antifascista ao longo dos tortuosos quarenta e oito anos de opressão e cruel desmando. É assinalar o seu sentido transformador e revolucionário, afirmando o caminho que o tornou possível e rejeitando as falsificações e perversões da História. É sublinhar o que constitui hoje de valores e referências para um Portugal desenvolvido e soberano que décadas de políticas de direita têm contrariado.-----

Por mais que tentem reescrever, o 25 de Abril foi uma Revolução, não uma «evolução» ou «transição» entre regimes. Foi uma rutura com o fascismo e com o que o suportava. Abril foi possível porque é fruto de uma longa resistência antifascista, de uma abnegada dedicação à luta pela Liberdade e pela Democracia, exercida por comunistas e outros democratas, de uma intensa luta das massas trabalhadoras, da juventude, do Povo.-----

Comemorar Abril é defender o Serviço Nacional de Saúde, exigindo o fim da degradação a que o mesmo está a ser conduzido por opção política; é defender a Escola Pública; é defender os pequenos e médios comerciantes e industriais; é defender os direitos dos seus trabalhadores sem esquecer a comunidade imigrante com direito à sua identidade e sem excluir os seus direitos básicos.-----

É defender os agricultores, é defender os pescadores, é defender a nossa soberania alimentar.-----

Comemorar Abril é celebrar esta conquista maior do Poder Local Democrático, aquele



que nos traz aqui hoje.-----
É defender e valorizar esse Poder, hoje tão seriamente ameaçado com as «propostas» de órgãos monocores, pelo subfinanciamento, pela descaracterização por via da transferência de encargos constitucionalmente atribuídos ao poder central, pela ingerência tutelar, pela instrumentalização que o reduz frequentemente a mero executor técnico de opções de terceiros.-----

É ainda exigir que se cumpra a Constituição da República Portuguesa, texto fundamental da orientação política do País e tantas vezes vilipendiado. Apesar das sete alterações que sofreu, a Constituição continua a ser pedra fundamental do edifício legislativo e urge cumpri-la e fazê-la cumprir. Nomeadamente no que diz respeito à criação das Regiões Administrativas, sempre adiada e sujeita a «cantigas de escárnio e maldizer».-----

Celebrar Abril é devolver aos cidadãos as freguesias «roubadas», se essa for a sua declarada vontade, repondo a proximidade, participação e representatividade que as mesmas materializam.-----

O Poder Local Democrático continua vivo e com energia bastante para resistir e se regenerar se essa for a vontade dos que, nos seus órgãos, se dedicam à causa pública e se souberem juntar-lhes as mil vontades dos cidadãos que representam. -
Reafirmamos o espírito de serviço que há 49 anos animou os que tomaram nas suas mãos a condução das políticas em benefício das populações e cuja ação deixou marcas indeléveis no País que queremos mais livre, mais pacífico, mais fraterno e desenvolvido. A concretização do terceiro D que tarda em afirmar-se de modo inequívoco.-----

VIVA PORTUGAL!-----

VIVA O 25 DE ABRIL!-----

25 DE ABRIL SEMPRE! FASCISMO NUNCA MAIS!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Paulo Martinho Pinto.-----

PAULO MARTINHO PINTO: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, em si cumprimento todas as entidades presentes. Minhas senhoras e meus senhores.-----

Comemora-se hoje o 49.º aniversário da Revolução mais marcante ocorrida no nosso país na época contemporânea.-----

Iniciando-se assim, a comemoração do cinquentenário da Revolução do 25 de Abril. Quarenta e nove anos volvidos importa refletir sobre as alterações que se verificaram e que reflexos tiveram na vida dos Portugueses.-----



Um país que era pobre, carente de infraestruturas, com falta de literacia em geral e com um défice de liberdade e de expressão, será que cumpriu os desígnios que foram prometidos após a Revolução dos Cravos? A célebre tríade conhecida pelos «3D» (Democratizar, Descolonizar e Desenvolver) trouxe a tão prometida felicidade ao nosso país?-----

Se existiram melhorias em muitos aspetos, noutros ainda teremos de investir, e muito, para atingirmos um país mais equilibrado social e economicamente.-----

Em termos económicos, Portugal teve a sorte de se aproximar à Europa Comunitária tendo recebido, ao longo dos anos, injeções financeiras com o objetivo de convergir com países europeus mais desenvolvidos e competitivos.-----

No entanto, ao ficarmos reféns de quotas de produção importadas pela União Europeia, ficamos dependentes de produtos, principalmente aqueles de primeira necessidade.-----

Como tem sido verificado, qualquer alteração dos preços dos combustíveis tem um impacto imediato no preço dos produtos finais que são colocados à venda em Portugal. Neste momento, devido a toda a conjuntura europeia, fomos contaminados com um aumento dos bens de consumo (especialmente os alimentos). Também não é de descurar o aproveitamento que os grandes grupos económicos ligados a comércio a retalho estão a realizar nesta época de crise.-----

Muitas são as pessoas que há poucos anos se encontravam numa situação económica confortável e neste momento não conseguem realizar as compras absolutamente necessárias para a sua casa, tendo de recorrer a apoios sociais de várias ordens. É um facto, a população portuguesa está num empobrecimento gradual e significativo. Após uma fase de algum conforto, vivem-se tempos difíceis. Questiono-vos mais uma vez, valeu a pena o tão apregoado sonho no «Desenvolvimento» económico do nosso país?-----

A banca portuguesa soma lucros obscenos, cobrando juros elevadíssimos para quem tem o objetivo de ter casa própria ou um negócio. Pedir um empréstimo é um sinal futuro de sufoco e privação. A compra de uma habitação é hoje uma miragem, principalmente para os mais jovens.-----

Pedir dinheiro ao banco é hipotecarmos as nossas vidas durante 30/40 anos, onde os rendimentos de muitas famílias serão para satisfazer todos os «caprichos» das instituições bancárias. Já sem falar das contas bancárias que todos somos «obrigados» a adquirir. As mensalidades cobradas pelos bancos para nos «guardarem» o nosso dinheiro, são mais uma fonte de lucro fácil e abusivo. Nas cúpulas dos



bancos existem senhores a guardar fortunas, quando estão lá para gerir o capital que alguns lhe confiaram. Começa a haver uma desconfiança generalizada face aos bancos, quando estes se deviam pautar pelo rigor e pela seriedade. Também não foi para isto que fizemos o 25 de Abril.-----

A educação, o acesso à escola passou a ser um imperativo e uma das bandeiras de abril. A escola democratizou-se, tendo em vista proporcionar um elevador social a muitos descendentes daqueles que, nas gerações anteriores, apenas e com sorte aprendiam as primeiras letras. Atualmente a escola está aberta a todos, os apoios sociais e outros estão direcionados a todos os que precisam disso para se manterem no sistema escolar. Os professores vivem uma época difícil, de baixos salários, com concursos e colocações completamente desajustadas ao país que temos e que fazem com que andem uns para sul e outros para norte, ao sabor de regras que nem sempre são claras e que mudam constantemente. Para acudir ao estado de défice económico e financeiro do país, aos professores, nos últimos anos, já lhes foi retirada a normal progressão na carreira, quando não lhe são contabilizados muitos anos de serviço efetivo e se criam barreiras difíceis de transpor, aquando da passagem de certos escalões. Tudo isto são medidas economicistas do estado, não só em relação aos professores, mas em relação a muitos outros trabalhadores do estado, que veem o agravamento dos impostos pôr em causa a sua sobrevivência e planos de vida, por muito simples que sejam. A municipalização da educação, podendo ter um objetivo de melhor servir pela proximidade, na resolução dos problemas, colocou um ónus demasiado pesado nos Municípios que estão a ter grandes dificuldades de responder às mais diversas atribuições, muito por causa da falta de transferências orçamentais do governo, para esse fim. Também não foi para isto que fizemos o 25 de Abril.-----

Na saúde a insatisfação é reinante. Os baixos salários de médicos, enfermeiros e demais trabalhadores da saúde, a falta de condições de funcionamento e de recursos absolutamente essenciais às boas práticas neste setor, o fecho de maternidades, urgências, as dificuldades em obter um médico de família ou uma consulta em Unidades de Saúde, faz com que o Serviço Nacional de Saúde aparente estar doente, fazendo com que haja uma dualidade de acesso à saúde, onde aqueles que podem fogem para hospitais privados, onde possam ter garantias de melhor atendimento. Uma saúde a duas velocidades, que não favorece quem mais precisa.-----

Este acesso ao ensino de uma grande faixa da população e a frequência de cursos superiores fez com que, em poucas décadas, tivéssemos um crescimento enorme de



quadros altamente qualificados. Contudo, o estrangulamento económico que se vive em Portugal, faz com que muitos jovens, após terem utilizado os recursos que o estado lhes proporcionou numa formação superior, completamente insatisfeitos com a situação do país, emigrem para a Europa e para o mundo à procura de oportunidades que o nosso país teima em não lhes conceder. Fornecemos ao mundo pessoas altamente qualificadas, porque não temos um mercado que os absorva e lhe conceda uma vida digna.-----

Apesar disso, se durante muitos anos fomos um país de emigrantes (inicialmente pouco qualificados), neste momento, devido ao clima de uma certa segurança, estamos a ser procurados por povos vindos de outros países, que sentem que poderão ter em Portugal melhores condições do que nos seus. O estado social, apesar das queixas, ainda funciona, a escola pública gratuita e o Serviço Nacional de Saúde podem ser motivos de atração por este retângulo à beira do Atlântico. As escolas, todos os dias recebem alunos novos, vindos com as suas famílias para o nosso país, na ânsia de encontrar algo melhor. Vindos dos países de leste, do Brasil, mas também de países asiáticos, acumulam-se nas grandes cidades, mas também no resto do país procurando trabalho, estabilidade e segurança.-----

A questão da habitação começa a colocar-se. Como alojar tantos que acorrem ao nosso país? O Estado deveria ser o primeiro a garantir alojamento digno a estas pessoas que procuram o nosso país para trabalhar e para fazer os seus descontos. Ao invés disso, o estado esquecendo que é um dos faltosos no não aproveitamento dos seus edifícios devolutos dirige-se ao comum dos cidadãos, que tendo casas desabitadas será forçado a alugá-las de acordo com regras impostas pela tutela. Estas medidas relembram tempos e regimes de má memória, que não queremos replicar. E o governo? Uma instabilidade política tem afetado o país. Quase diariamente rebentam escândalos financeiros e benefícios ilícitos que colocam no centro deste fenómeno grandes gestores de empresas, com ou sem relação com membros do governo e corrupção ao mais alto nível. A população portuguesa vive no limiar da pobreza, a antiga classe média proletarizou-se e, em determinadas cúpulas, sem vergonha, nem compaixão pelos demais, vivem ao mais alto nível com dinheiro que não lhes pertence.-----

A democracia, a tão sonhada democracia descaracterizou-se, perdeu a essência e desencantou o povo.-----

Todos temos de acordar enquanto ainda é tempo, caso contrário nas próximas eleições, os princípios democráticos e de liberdade tão propalados poderão ser



ultrapassados por vias não democráticas, mas que habilmente começam a trazer à luz do dia todos os fatores corrosivos do regime.-----

Neste ano que nos resta para o quinquagésimo aniversário do 25 de Abril, que se faça um esforço para melhorar a todos os níveis o nosso país, a fim de nos congratularmos com o desígnio democrático que foi escrito para Portugal no longínquo 25 de abril de 1974.-----

VIVA O 25 DE ABRIL!-----

VIVA A FIGUEIRA DA FOZ!1-----

VIVA PORTUGAL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado municipal Gonçalo Raposeiro Faria.-----

GONÇALO RAPOSEIRO FARIA: "Cumprimento, na pessoa do Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, todos os presentes.-----

Evocamos hoje o 25 de Abril de 1974 nesta sessão solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz e por todo o país, como não podia deixar de ser. Trata-se de um reconhecimento de uma data, mas mais do que isso, da conquista da liberdade e de uma mudança de regime que se foi consolidando até aos dias de hoje.-----

O Portugal que emanou do 25 de Abril é uma construção diária. A democracia conquistada, constrói-se todos os dias através das nossas ações individuais e coletivas e a celebração deste dia traduz-se num momento de memória coletiva que não pode deixar de existir, uma vez que há cada vez menos pessoas que viveram e se recordam do antes e do depois desta data.-----

O 25 de Abril não é apenas de uma geração, mas de todas, mesmo as que já nasceram muito depois. Aliás, o 25 de Abril foi feito pelos jovens da época, a pensar em todas as gerações futuras.-----

Mas será que ao fim de 49 anos, se pode dizer que a geração anterior acautelou o futuro da minha e das gerações que se seguirão?-----

Mais do que celebrar esta data com saudosismo do que foi conquistado - e ainda bem que foi conquistado - é preciso refletir sobre o que ainda há por conquistar e sobre o que resultou menos bem. É preciso olhar para o futuro!-----

No domínio dos direitos, liberdades e garantias que tão bem se encontram emanados na nossa Constituição, pretendo realçar aqueles que hoje impactam muito diretamente e em particular nos jovens.-----

A educação assume-se como o principal pilar do desenvolvimento social e económico de um país, bem como um dos principais pilares da democracia. Muito foi conquistado



desde 1974 a este respeito. Temos hoje um nível de analfabetismo dos mais baixos do Mundo. Temos uma taxa de desistência escolar também muito baixa e temos hoje em dia uma elevada taxa de pessoas formadas com Ensino Superior, também esta enquadrada ao nível dos países mais desenvolvidos.-----

Apesar disso, vemos nos dias de hoje o estado a que chegou a educação. Pouca exigência, professores desrespeitados, enfim, falta de compromisso de Estado sobre o que queremos para a Educação no nosso país. Investir mais e melhor na Educação impõe-se como uma das principais tarefas do Estado nos dias de hoje, até para a própria preservação da democracia.-----

No que diz respeito ao direito ao trabalho, muito se conseguiu após o 25 de Abril, com novas leis do trabalho e com proteção efetiva dos direitos dos trabalhadores. No entanto, claramente essa proteção parou no tempo e cinge-se àqueles que já integram o mercado laboral há décadas. Para um jovem ingressar no mercado de trabalho nos dias de hoje, tem que passar por um longo percurso de baixos salários, de falta de contratos de trabalho estáveis, de recibos verdes até poder ter alguma estabilidade - se a tiver.-----

As soluções tanto para as empresas como para os jovens trabalhadores passam por uma maior flexibilização do mercado de trabalho, no que diz respeito a adaptar-se a formas e horários de trabalho mais criativos, que permitam, por exemplo, o trabalho à distância, nomeadamente que alguém consiga estar na Figueira da Foz, mas a trabalhar para uma empresa nos Estados Unidos. Isso hoje é possível.-----

Também importa refletir sobre o direito à habitação. A habitação em Portugal tornou-se nos dias que correm num problema, mas não era um problema urgente até aqui. Muito foi feito ao longo dos últimos 50 anos. Com mais poder de compra foi possível que a classe média conseguisse adquirir casa, o que fomentou a construção civil. Construiu-se também habitação social por todo o país, tentando trazer habitação digna a todos os portugueses.-----

Contudo, chegamos aos dias de hoje, após sucessivas crises de natureza distinta, sem uma política de habitação concreta para o país, e que permitisse ter evitado os problemas que hoje vivemos, com uma visão de longo prazo.-----

Hoje, temos problemas de curto prazo que têm que ser resolvidos - como a impossibilidade de um jovem conseguir pagar um simples quarto para estudar, ou a renda de uma casa querendo sair de casa dos pais ou mesmo a compra da primeira habitação -, sem nunca se perder o foco na solução de uma política de habitação a longo prazo.-----



A solução encontrada para muitos jovens nos dias que correm tem sido a emigração, em busca de melhores condições de vida. Não devia ser esta a solução. A emigração deveria ser apenas uma opção, mas tornou-se uma necessidade para muitos.-----

Portugal está hoje um país mais velho, com uma taxa de natalidade muito baixa e com uma tendência de redução da sua população nas próximas décadas.-----

Mas muito foi conquistado! Sem dúvida! Nos últimos 50 anos o avanço que se verificou ao nível dos direitos que já aqui expus, mas também por exemplo ao nível dos direitos das mulheres foi muito importante!-----

Verificamos nos dias de hoje que há felizmente mais mulheres na escola, mais mulheres no ensino superior, mais mulheres no mercado de trabalho e em cargos de topo nas empresas e mais mulheres na vida política ativa. A desigualdade salarial ainda é um problema, mas a pouco e pouco caminhamos no sentido certo a esse respeito.-----

No entanto, sem investirmos em boa educação, se não criarmos condições para mais acesso a trabalho e com salários dignos e sem a possibilidade de sair de casa dos pais, nenhum jovem, seja homem ou mulher, consegue emancipar-se, constituir família e ter filhos.-----

O poder local tem que dar o exemplo e aproximar-se dos jovens e responder às suas necessidades concretas. A Figueira da Foz tem feito o seu trabalho a esse respeito, procurando fixar ensino superior e atrair mais investimento de novas empresas para criação de mais postos de trabalho.-----

Sem uma democracia sólida, que permita acautelar concretamente estes direitos e muitos outros que influenciam o dia a dia das pessoas, mas sobretudo dos jovens, não é possível perspetivar um futuro rejuvenescido.

Precisamos de trabalhar todos em conjunto, mais velhos e mais novos para discutir com seriedade e com ideias novas, o que pretendemos que o nosso país seja e como podemos conseguir construir um país melhor!-----

Tem que haver mais espaço de participação ativa, cívica e política dos jovens.--

Tem que haver mais alternância política, mais transparência e mais compromisso da nossa atual classe política para os jovens reconquistarem a confiança e ganharem de novo interesse pela política e pela participação ativa.-----

Só assim podemos construir um futuro melhor e só assim podemos continuar a construir todos os dias a nossa democracia.-----

VIVA A LIBERDADE!-----

VIVA A FIGUEIRA DA FOZ!-----



VIVA PORTUGAL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado municipal José Fernando Correia.

JOSÉ FERNANDO CORREIA: "Encontramo-nos, mais uma vez, para assinalar o aniversário da Revolução dos Cravos.-----

Juntamo-nos nesta celebração, não por acaso, numa sessão da assembleia municipal. Exaltamos assim, a um só tempo, a revolução que nos ofereceu as liberdades de que hoje gozamos e um dos seus maiores adquiridos: o poder local democrático.-----

Não é coisa pouca esse adquirido. O princípio do autogoverno das comunidades locais é elemento constitutivo de uma democracia saudável e está verificada uma correlação positiva entre o nível de descentralização das funções do Estado e o índice de desenvolvimento dos países.-----

As autarquias locais - as freguesias e os municípios - são, por excelência, os órgãos do Estado de proximidade com os cidadãos e são também um espaço privilegiado para o empenho cívico de todos e de cada um no destino das suas comunidades.-----

Devo dizer que, representando o Partido Socialista nesta ocasião, é difícil subtrair-me a fazer uma ligação entre a efeméride que hoje assinalamos e o 50º aniversário da fundação do Partido Socialista que recentemente se cumpriu.-----

Não pretendo, bem entendido, estabelecer uma relação linear entre os dois acontecimentos, apesar da sua proximidade temporal. Sabemos todos que a revolução de 1974 tem génese militar e que a transição para um regime de recorte civil seria ainda um processo longo e com atribulações.-----

Quero, porém, assinalar que o Partido Socialista, ao longo da sua história, sempre procurou corporizar, no plano doutrinário, o melhor das promessas do 25 de abril. E isso é o equilíbrio entre liberdade individual, eficiência económica, justiça distributiva e, mais modernamente, preservação da natureza.-----

Isso é, no plano político, um regime de democracia representativa, separação de poderes, governo das maiorias, direitos das minorias.-----

Isso é, no plano económico, um modelo de organização que reconhece o mercado como mecanismo principal de afetação de recursos, mas que pressupõe a intervenção pública na supressão das suas falhas.-----

Isso é, no plano social, a oferta a todos os cidadãos de um patamar de cuidados e prestações sociais abaixo do qual não é tolerável que alguém seja colocado.-----

Isso é, por fim, a assunção plena da inscrição do país no espaço europeu bem como a sua vocação atlântica.-----

Vale a pena, porém, assinalar que esta última dimensão de cosmopolitismo não



comporta nenhuma contradição insanável com a exaltação dos valores, dos símbolos e da história da pátria. E é tanto mais importante assinalar isto quanto, desafortunadamente, a «pátria» e a «nação» perderam importância no discurso político dos partidos moderados, tendo-se tornado cavalos de batalha de toda a sorte de extremismos.-----

Para concluir este ponto, tem de ser enfatizada a centralidade do Partido Socialista e do seu líder histórico, Mário Soares, num momento crucial da história contemporânea portuguesa: aquele em que o Partido Socialista comanda o combate contra aqueles que, reclamando uma pretensa legitimidade revolucionária, já tinham sido claramente derrotados nas eleições de abril de 1975 para a assembleia constituinte, mas insistiam num delírio coletivista que nos aproximaria do terceiro mundo e do inferno das democracias ditas populares. São depois os acontecimentos do 25 de novembro de 1975 que, definitiva e felizmente, recolocam o país na senda de uma democracia do estilo europeu ocidental.-----

Uma nota conclusiva sobre o que julgo ser o elemento mais frustrante e mais dissolvente da nossa composição sociopolítica dos dias de hoje. Ele é, e julgo que sou acompanhado por muitos, a percepção mais ou menos generalizada, ainda que possa não corresponder integralmente à verdade, de que muitos titulares de cargos políticos estão envolvidos em processos de corrupção, amiguismo, nepotismo, troca de favores, tráfico de influências, etc.-----

Nada - nenhuma taxa de inflação, nenhuma política pública menos conseguida - deslaça tanto o compromisso dos cidadãos em torno da democracia na sua dimensão representativa, como a sensação da existência generalizada de falha de rigor ético na condução dos negócios públicos.-----

A este respeito, posso tão só formular votos de que os ventos mudem e que um crescente nível de exigência cidadã, a existência de uma sociedade mais livre, mais informada e mais plural, possam aplacar o fenómeno. Mas quero também dizer que sou um descrente que regras de incompatibilidade, inibições e limitações muito detalhadas resolvam qualquer problema. A imaginação é fértil e há sempre maneira de as contornar.-----

O ponto central é o da qualidade pessoal dos agentes políticos. Citando um antigo dirigente partidário, Francisco Assis, diria que o principal princípio ético é ter vergonha. Porque a vergonha também nos autolimita. E isso depende da consciência de cada um e não de qualquer regra mais ou menos complexa.-----

Viva o 25 de Abril. Viva a Democracia. Viva Portugal!"-----



PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao Presidente da Câmara Municipal.-----

PRESIDENTE DA CÂMARA: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Duarte Pereira, Senhora Oradora Convidada, Senhores membros da Mesa, Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Moínhos da Gândara, Gilberto Fajardo Oliveira, Senhor Comandante do Porto, Comandantes e Representantes das forças militares e militarizadas aqui presentes, Forças de Segurança, Senhor Dr. Carlos Monteiro, Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, Senhores deputados municipais, nomeadamente os que usaram da palavra, e permito-me cumprimentar na pessoa do último orador, deputado municipal e representante do maior grupo de deputados municipais, José Fernando Correia, todos os restantes oradores, Senhor representante do Conselho Municipal de Juventude. A todos cumprimento, à Sociedade Filarmónica Boa União Alhadense e ao Coral David de Sousa.-----

Senhor presidente da Assembleia felicito-o por esta organização, nomeadamente fora da sede do Concelho, no cumprimento de uma deliberação há anos tomada que procura alternar a comemoração desta data. Felicito-o por isso e também pelos tempos fixados aos oradores que procurarei cumprir e respeitar.-----

Gostava de sublinhar hoje, dia 25 de abril de 2023, o seguinte: essa deliberação traduz aquilo que deve ser um eixo de orientação política fundamental.-----

Há, em todas as forças políticas, digo em todas, aqueles que defendem que a esmagadora maioria dos recursos financeiros devem ser alocados à parcela do território, nomeadamente o Município, mas também há este pensamento a nível nacional, a nível europeu: onde é maior a densidade populacional, onde há mais pessoas, é para lá que devem ir a generalidade dos recursos financeiros.-----

Não partilho desse entendimento, não partilhei há vinte anos, sabe-o os Moínhos da Gândara, e não partilho agora!-----

Disse-o antes de eleições há vinte anos, disse-o antes de eleições há dois anos, há que procurar cumprir.-----

Num tempo em que vivemos evoluções tecnológicas tão desafiantes e exigentes, em que nos próximos anos vamos ouvir falar muitíssimo de privacidade digital, identidade digital, economia digital e das moedas digitais; num tempo em que começamos a recear que a inteligência de máquinas computadorizadas suplante e vença a inteligência do ser humano; num tempo em que por força do avanço tecnológico na área da saúde se começa a falar da imortalidade dos seres humanos, sem que ninguém se dê muito ao trabalho a pensar como seria um mundo em que a vida não fosse finita, mas de todos os seres humanos fosse infinita, fosse eterna; num mundo como



este, em que todos os dias ouvimos e vemos notícias que nos chocam, que nos aterrorizam, que nos inquietam, que nos preocupam, mas também nos galvanizam e nos dão esperança; num tempo como este há que sublinhar, penso eu também, aquilo que é essencial na vida, e que nenhum Chat GPT, ou seja qual for a sua designação, conseguirá trazer e que é o carácter, são os princípios, os valores, a educação, o respeito, a categoria, a coerência.-----

Os princípios devem nortear também a ação política. Já aqui foi sublinhado, e muito bem, pelo deputado municipal José Fernando Correia, o que mais afasta as pessoas da vida política e dos representantes políticos, como se vê, por vezes, em muitas comemorações do 25 de Abril, em que são mais os representantes do que os representados a assistir a essas comemorações, o que mais afasta é, exatamente, o esquecimento desses valores e, principalmente, dessa palavra suprema: o carácter. O carácter no exercício da vida profissional privada, mas, principalmente, das funções públicas. E as nossas opções em cada momento têm de ser norteadas pelo equilíbrio do respeito aos nossos princípios e valores e pela avaliação que fazemos do cosmos em que nos inserimos, e daquilo que para nós está dentro dos limites do tolerável ou ultrapassa os limites do inaceitável.-----

E, portanto, essa avaliação permanente e constante é uma exigência de qualquer tempo, seja qual for a evolução tecnológica.-----

Vimos hoje aqui esse compromisso extraordinário de passado, presente e futuro.-- E a propósito de passado, quero evocar o senhor Albano Lé, primeiro Presidente desta Junta de Freguesia, quero evocar também os anteriores Presidentes de Câmara, alguns deles: o Eng.º Coelho Jordão, Presidente de Câmara antes do 25 de Abril, o Eng.º Aguiar de Carvalho, o Eng.º Duarte Silva, o Dr. João Ataíde, a todos quero lembrar, estes já desaparecidos.-----

Quero saudar de um modo particular o meu antecessor, Dr. Carlos Monteiro, que assumiu as funções de Presidente de Câmara nas circunstâncias que são conhecidas e cujo trabalho respeito, independentemente das diferenças, como respeito o de todos.-----

As questões pessoais, o comportamento pessoal, tenho tido ocasião nos últimos dias, até em entrevistas públicas, de elogiar membros deste Governo, nomeadamente alguns que são ex-membros deste Governo, que já saíram e, neste momento, podem ser considerados como estando em desgraça. Não o faço por lutas partidárias internas, não pertencço a esse partido, nunca pertenci ao que está no Governo e apoia o Governo, mas por uma questão a de respeito e de reconhecimento, até pela atenção



que tiveram com a Figueira da Foz, com o Concelho que todos temos de servir.----
Nada é mais feio na vida do que a ingratidão, ou poucas coisas há mais feias. E
uma das coisas mais bonitas na vida é, sem dúvida nenhuma, a gratidão.-----
Por isso, quero homenagear hoje aqui de um modo particular, aqueles que serviram
e aqueles que aqui já nos prometem que podem vir a servir a comunidade: a oradora
oficial, Susana Beatriz Batata e o representante do Conselho Municipal de
Juventude, Duarte Silva Rodrigues, e nesta pluralidade que já tive ocasião de
referir, a intervenção do deputado municipal do Partido Socialista, José Fernando
Correia, os representantes que foram candidatos autárquicos e os escolhidos,
nomeadamente, pela Figueira a Primeira.-----

É disto que o 25 de Abril é feito e deve ser sempre feito: a diferença no amor por
esse valor supremo que é a Liberdade, a liberdade que é o bem maior, depois, como
é evidente a Saúde e, no mesmo plano para mim, a honra.-----

Uma última palavra se me permitem neste 25 de Abril, dez segundos, senhor Presidente
da Assembleia.-----

Porque não nos podemos desligar das circunstâncias de cada momento, uma palavra a
propósito cumprimento do dever, pelo facto, de termos tido a guarda de honra
formada por representantes dos Bombeiros Voluntários e dos Sapadores.-----

Portanto, dos Bombeiros Sapadores que atravessam, neste momento, tempos difíceis,
com uma greve anunciada para maio. Eu, no lugar deles, também a faria.-----

Compreendo e não quero deixar de saudar e expressar a minha homenagem por cumprirem
o seu dever e pôr a sua responsabilidade acima daquilo que sentem no interior em
momentos difíceis.-----

Viva o 25 de Abril!-----

Viva a Figueira da Foz!-----

Viva Moínhos da Gândara!-----

Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Uma vez mais, bom dia a todos os presentes.-----

Reitero as saudações iniciais, agradecendo a cada um a vossa tão preciosa presença,
quando evocamos nesta sessão solene, o dia em que Portugal se assumiu como um País
livre.-----

Nem tudo correu bem de então até hoje e dou comigo a pensar: 49 anos a celebrar
Abril.-----

10 anos a intervir enquanto Presidente da Assembleia Municipal. 10 anos a ouvir,
atentamente, todas as intervenções, retendo de cada uma delas o que mais me toca



enquanto cidadão e homem empenhado na defesa e bem estar de todos e, em particular, dos nossos Municípes.-----

A estes anos, acrescento os quase 81 de vida que completo este ano. Talvez por isso mesmo, fruto da idade e das intervenções que todos os oradores tão bem e eloquentemente fizeram e fazem, me vou cingir a breves e singelas reflexões.----

«Velho não. Entardecido talvez. Antigo sim. Me tornei antigo porque a vida tantas vezes se demorou e eu a esperei como um rio aguarda a cheia». Palavras de Mia Couto, com as quais cada vez mais me identifico e me levam a questionar o rumo da vida.-----

No mundo onde a tecnologia avança de forma progressiva e a uma velocidade feroz e, em determinados contextos, atroz, a Liberdade que é um direito e um dever de todos e para todos encontra-se ferida de morte.-----

Uma liberdade que regride quando, diariamente, assistimos a uma guerra que não tem fim, que não sendo à escala mundial, afeta o mundo, nas mais variadas formas. Enquanto houver uma guerra, uma guerra que seja, a liberdade do mundo encontra-se ferida.-----

E esta liberdade que hoje celebramos por ter sido conquistada de forma única e exemplar, em silêncio, com disparo de cravos, ao som de música e poemas que, codificadamente, gritavam liberdade, na modesta opinião deste «Velho não. Entardecido talvez», passa à margem das gerações mais novas, que se cingem a vivê-la e a senti-la apenas e só como mais um Feriado Nacional.-----

Mais do que nunca «É hora», hora de mudarmos a forma como assinalamos o dia. Hora de envolvermos aqueles que hoje não o conhecem, mas que amanhã serão o futuro.-- Neste dia, e, pensando nesses mesmos jovens que vivem o dia, esquecendo que o mesmo decorre de um passado marcado pela opressão, repressão e abusos aos direitos individuais, relembro um homem que, recentemente, partiu vivendo e praticando o ideário do 25 de Abril.-----

Liberdade, Humildade, Igualdade, Fraternidade, Simplicidade são epítetos que devemos obrigatoriamente atribuir ao já saudoso Rui Nabeiro. O homem que se aproximando do fim, disse «a minha saudade era de poder viver mais tempo».-----

Um exemplo de vida, com estórias que escrevem uma história única, reconhecida nacionalmente e além fronteiras e aceite por todos. O seu legado imaterial deve ser um exemplo e uma inspiração para todos aqueles que nos governam, que assumem cargos de suma responsabilidade e que, em muitos e distintos contextos, percecionam o poder como uma arma usada em prol das suas próprias ideias, em detrimento do



propósito da função para a qual foram eleitos ou nomeados. A sabedoria popular diz-nos «Queres conhecer um homem? Dá-lhe poder».-----
Que a humildade e a simplicidade deste homem que fez fortuna, criou fortuna na economia do país, seja perpetuada e exemplar por nunca ter deixado que a sua maior riqueza se desvanecesse: a simplicidade, o apego às suas gentes, ao seu país.---
Apetece-me, quando olho para o seu legado, dizer-lhe o que um dos meus filhos me disse: «Um dia quero ser como tu!».-----
Velho não, entardecido sim, mas mesmo com esta idade, comprometo-me a continuar a seguir o seu exemplo, acrescentando os versos de uma música tão conhecida quanto entoada por todos:-----
«E mais que uma onda, mais que uma maré-----
Tentaram prendê-lo impor-lhe uma fé-----
Mas, vogando à vontade, rompendo a saudade-----
Vai quem já nada teme, vai o homem do leme»-----
É com esta minha simplicidade e humildade que termino: que possamos repetir a cada dia os valores de Abril de 1974.”-----

Seguiu-se a atuação do Coral David de Sousa, interpretando dois temas alusivos ao evento, sob a direção do Maestro Vitor Ferreira, após o que a Filarmónica da Sociedade Boa União Alhadense interpretou o Hino da Cidade da Figueira da Foz.--
E não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Assembleia Municipal declarada encerrada a sessão eram doze horas e quinze minutos, da qual, para constar, se lavrou a presente ata, que será previamente distribuída a todos os membros da Assembleia Municipal para posterior aprovação e que vai ser assinada pelo Presidente e pelo Secretário, nos termos da Lei.-----